



LETRAMENTO E USO DOS INSTRUMENTOS SOCIAIS NA SÍNDROME DE DOWN

Daiane Rodrigues de Almeida¹
Rosemari Lorenz Martins²
Lisiane Machado de Oliveira Menegotto³

RESUMO

O conhecimento envolvido nas práticas de letramento constitui-se como base para o entendimento dos signos sociais, porém não se sabe sobre sua real utilização e relação com a autonomia da pessoa com Síndrome de Down (SD). Este estudo, de cunho qualitativo, proveniente de tese de doutorado, investiga a relação entre o nível de letramento e o uso dos instrumentos sociais, por uma jovem com SD, a partir de um programa de intervenção. Participa da pesquisa uma jovem de 22 anos de idade, com SD, sem co-morbidades e não alfabetizada. A participante foi avaliada em cinco encontros. Foram informantes a mãe e a avó com entrevista pré e pós avaliação, além de aplicação de questionário semiestruturado pós-avaliação. Foram observadas suas habilidades de leitura e escrita, conhecimento de números, nível de letramento, uso dos instrumentos sociais com saídas de campo. A jovem com SD demonstra baixo nível de letramento, conhecimento de letras e números em nível infantil e pouca autonomia para a realização de atividades cotidianas. A participante vem sendo exposta a um programa de intervenção, com vistas ao uso dos instrumentos sociais, divididos em três eixos: uso do telefone, uso de dinheiro e signos sociais, a família participa, concomitantemente, de um programa de literacia familiar.

Palavras-Chave: Letramento. Atividades Instrumentais de Vida Diária. Síndrome de Down. Mediação da aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Inúmeras são as discussões acerca do termo letramento. Há teóricos que dividem o letramento em duas categorias: *autônomo* e *ideológico*. O letramento autônomo, segundo Tfouni (2010, p. 36), “é visto como causa, tendo como suporte a escolarização”. Suas consequências seriam o desenvolvimento econômico e habilidades cognitivas, como, por exemplo, flexibilidade para mudar de perspectiva.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Feevale daianerodriguespsicop@hotmail.com

² Feevale, Doutora em Letras, rosel@feevale.br

³ Feevale, Doutora em Psicologia do Desenvolvimento, lisianeoliveira@feevale.br



Street (2004) propõe o letramento ideológico. Esse tipo de letramento preconiza uma prática social baseada nos elementos sociais construídos, não se baseando nos modelos que utilizam a leitura e a escrita que, para ele, são atrelados a concepções de conhecimento. Em uma perspectiva ampliada, antes de constituir uma soma de habilidades intelectuais, o letramento é uma prática cultural, que possibilita ao sujeito apoderar-se de seus conhecimentos e, a partir deles, participar efetivamente como indivíduo dos hábitos e costumes com os quais compactua.

As Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVDs) são habilidades pessoais para administrar o ambiente e inclui as seguintes ações: manusear dinheiro, usar o telefone, fazer compras e utilizar os meios de transporte (COSTA et. al., 2001). A compreensão das regras sociais, que confere certo nível de autonomia ao sujeito, é um processo multifatorial e ocorre de forma distinta para cada indivíduo, considerando, além dos diferentes meios sociais, suas possibilidades cognitivas. Nesse sentido, as habilidades para realizar as atividades instrumentais diárias apresentam-se de formas distintas.

A Síndrome de Down (SD), definida como uma desordem cromossômica - a trissomia do cromossomo 21 -, é uma condição crônica que leva a muitos desafios. Caracterizada por um erro de distribuição dos cromossomos das células, a síndrome apresenta um cromossomo extra no par 21. É um dos defeitos congênitos mais comuns e se apresenta em ambos os sexos, em todos os grupos étnicos, classes sociais e nacionalidades. Sua causa ainda é desconhecida. A idade da mãe é o único fator comprovado relacionado à probabilidade de ter um bebê com Síndrome de Down (STRAY-GUNDERSEN, 2007). De qualquer modo, as alterações associadas à SD representam implicações no processo de aquisição de autonomia da pessoa.

Neste estudo, letramento é considerado como uma prática social e cultural e, ao considerar a importância da efetivação das práticas sociais de pessoas com SD, buscou-se discutir sobre a contribuição do nível de letramento para o uso e efetivação das AIVDs desse público. Para tanto, optou-se pela pesquisa bibliográfica, em artigos científicos e livros nacionais e internacionais, de autores que



abordam a temática proposta. A pesquisa bibliográfica, de acordo com Gil (2002, p. 45), “se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto”. Nesse sentido, a questão principal desta pesquisa é: existe relação entre o nível de letramento e o uso das Atividades Instrumentais de Vida Diária da pessoa com SD?

Para responder a essa pergunta de pesquisa, primeiramente, conceituam-se letramento e Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVDs) relacionadas à SD e, na sequência, relacionam-se os dois constructos.

1 LETRAMENTO

A apropriação do sistema alfabético (leitura e escrita) é um ato contínuo, tendo início, normalmente, na infância, quando a criança passa a integrar o ambiente escolar. Esse processo não se esgota quando o sujeito alcança a alfabetização. Ao contrário, ele continua em contato com informações cada vez mais elaboradas. O novo leitor, sendo um ser social e com capacidade crítica, não deve ser inerte ao que lê, sendo necessário fazer uso de interpretação e conhecimento dos fatos para interagir de forma efetiva com a informação lida (SOARES, 1998). Em outras palavras, o alfabetizado deve ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita em diferentes situações e não apenas ser um exímio codificador/decodificador.

Para que se alcancem níveis elevados de letramento, dois aspectos básicos são necessários: *eventos de letramento* e *práticas de letramento*. O letramento, para Soares (1998), não se refere apenas ao estado de quem sabe ler ou escrever, mas a quem exerce práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas de interação oral. Assim, o uso do termo letramento não se limita à alfabetização, mas envolve habilidades para fazer uso dela. Para ser letrado, não basta saber ler e escrever (SOARES, 1998).

Isso significa que a pessoa pode não ser alfabetizada mas ser letrada. O que comprova esse fato é que algumas crianças contam histórias fazendo uso de uma linguagem característica de um conto, envolvendo uma sequência lógica de uma



história original, mesmo sem conhecer as letras. O contato precoce da criança com diversos tipos de literatura, como contos ou notícias de jornal, mesmo sem dominar leitura ou escrita, configura-se como eventos de letramento, desde que esses eventos sejam explorados e façam sentido para a criança (SOARES, 2018).

Dessa maneira, acredita-se que as práticas de letramento estejam intimamente ligadas às Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVDs), pois o letramento representa o ápice de um processo de aprendizagem e de uso de um saber e as atividades instrumentais típicas da vida diária, de certa forma, são mediadas por esse constructo. Isso pode ser exemplificado por meio da compreensão de palavras como *agora*, *hoje*, *aqui*, que possuem diferentes significados, dependendo do lugar e da situação em que estão manifestadas.

No mesmo sentido, as práticas de leitura e escrita são dinâmicas: mudam em termos de forma e atividade, progridem e se modificam de acordo com as condições sociais. Ponderação importante a esse respeito oferece Orlandi (1988), ao abordar a “imprevisibilidade” e a “pluralidade” da leitura. A forma diferente de Orlandi (1988) de ver a leitura abrange, por exemplo, a questão de como um único texto possibilita diferentes leituras em certos períodos de tempo e não em outros e também o fato de alguns textos serem apreciados e legitimados em diferentes classes sociais e instituições. Certos modos de ler circulam em determinados espaços e não em outros (ler em voz alta ou baixa, para estudar, para ocupar o tempo, para entender a função de algo). Determinadas leituras sofrem seleção por parte de quem lê (jovem, criança, pessoa com rebaixamento cognitivo).

O entendimento de que as práticas de letramento estão sempre alocadas em contextos culturais tem sido tema recorrente de estudos, como os de Street (2001) e de Baynham (2004). É claro que o letramento advindo da escola tem sua legitimação e, em razão disso, é visto como uma base para a avaliação do letramento social. Assim sendo, o que se propõe aqui é uma reflexão dirigida ao letramento que se refere ao uso dos instrumentos sociais, à forma imaginativa como ele é abordado quando pensado no cotidiano daqueles que apresentam dificuldades para utilizá-lo de maneira autônoma.



Pesquisadores, tais como Baynham (2004) e Szwed (2001), observam que uma rica variedade de práticas de letramento pode ser percebida em comunidades marginalizadas, situadas em ambientes rurais ou urbanos. Esses autores sustentam a necessidade de tornar visíveis as práticas de letramento cotidianas em toda sua complexidade. Incluímos, neste sentido, a valorização dessas práticas no que se refere à pessoa com SD. Questão essa que passa a ser entendida como uma prática de ensino-aprendizagem mediada, em que a alfabetização por si só não pode resolver problemas que são inerentes à prática social.

Atuar nessa (re)invenção requer a implementação de um programa de letramento que responda às aspirações do grupo a que se destina, oferecendo a ele a possibilidade de usar a leitura e a escrita de forma funcional, ou seja, como um instrumento que permita a resolução de questões cotidianas. Instrumentalizar a pessoa com SD exige engajamento e responsabilidade social, além de habilidade para mediar sua relação com os contextos de vida diária.

2 ATIVIDADES INSTRUMENTAIS DE VIDA DIÁRIA

Diante das dificuldades enfrentadas pelas pessoas com défict cognitivo (DC), um dos desafios é proporcionar-lhes certo nível de autonomia, de forma que conquistem o maior grau de independência possível. Nesse contexto, o trabalho voltado à melhoria da qualidade de vida das pessoas com DC deve incluir a compreensão quanto aos aspectos funcionais, os quais envolvem, além da saúde física, a saúde mental e a capacidade de autocuidado e autogerenciamento, que revelam o grau de independência funcional da pessoa com DC.

A capacidade funcional pode ser definida como o potencial que o sujeito apresenta para decidir e atuar em sua vida de forma independente, em seu cotidiano (FIEDLER; PERES, 2008). A incapacidade funcional, por outro lado, refere-se à dificuldade do indivíduo de executar tarefas em seu dia a dia (ALVES; MACHADO, 2008), abrangendo as Atividades de Vida Diária (AVD) e as Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVD).



As Atividades de Vida Diária (AVDs) referem-se à autonomia e à independência, englobando competências relacionadas à execução de tarefas motoras, que uma pessoa precisa realizar para cuidar de si, tais como: tomar banho, vestir-se, ir ao banheiro, andar, comer (COSTA; NAKATANI; BACHION, 2006). Já as habilidades para administrar o ambiente e o meio social em que vive, consideradas mais complexas, pois demandam maior capacidade cognitiva do que as exigidas pelas AVDs, dizem respeito às chamadas Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVDs), como a capacidade de utilizar o telefone, fazer compras, utilizar meios de transporte entre outros (COSTA, et. Al, 2001). O estudo das AIVDs começou com Lawton e Brody (1969). Os autores elaboraram uma escala para avaliar AIVDs de idosos com oito atividades: preparar refeições, fazer tarefas domésticas, lavar roupas, manusear dinheiro, usar o telefone, tomar medicações, fazer compras e utilizar meios de transporte.

Todavia, apesar de a maioria das pesquisas que abordam o tema das AIVDs estarem direcionadas ao idoso (BORBA et al., 2016; FILHO, 2013), vê-se grandes possibilidades de utilizar esses conhecimentos para investigar dificuldades de pessoas com déficit intelectual. Isso porque, da mesma forma como ocorre com o idoso, restrições para o desenvolvimento de atividades sociais acarretam também a dependência de pessoas com deficiência, limitando o sujeito como um todo, o que desestimula a pessoa e, conseqüentemente, contribui para a diminuição do uso de suas capacidades cognitivas.

Ao analisarem o peso de atividades de vida diária para explicar o bom desempenho cognitivo, Imaginário et al. (2017) verificaram que a capacidade de realizar AIVDs tem maior peso como preditor da capacidade funcional. A realização das AIVDs favorece a execução das funções mentais, pois coloca o indivíduo frente a situações cuja resolução exige maior nível de conhecimento do funcionamento social (IMAGINÁRIO et. Al., 2017). Na mesma linha, Zimemermann et al. (2015) referem que restrições na realização de AIVDs contribui para a diminuição das capacidades cognitivas. Desse modo, estímulos intelectuais e sociais convergem para a manutenção das funções cognitivas.



SÍNDROME DE DOWN E INSTRUMENTOS DE VIDA DIÁRIA: IMPLICAÇÕES PARA O LETRAMENTO

No Brasil, há um campo fértil quando se pensa em pesquisar sobre as Atividades Instrumentais de Vida Diária considerando públicos variados. Uma das características apontadas em estudos como os de Farías-Antúnez et al., (2018) e Silveira (2016) dizem respeito à dificuldade de realização de atividades instrumentais em função do baixo nível de escolaridade, o que também está associado à baixa capacidade funcional e ao baixo nível de letramento, tornando o sujeito total ou parcialmente dependente, o que afeta sua autonomia e qualidade de vida.

Na literatura, muito se tem falado em Atividades de Vida Diária (AVDs), elas são uma condição de autonomia relacionada, mais especificamente, às questões motoras, tais como locomover-se ou alimentar-se (SILVEIRA, 2016). Pensando no impacto que o letramento traz para a vida do sujeito, busca-se uma aproximação com um conceito mais amplo, que faz refletir sobre o uso e o nível de autonomia que tal fenômeno traz para a vida do indivíduo. Nessa perspectiva, cabe pensar tais conquistas e realizações relacionadas às Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVDs).

As Atividades Instrumentais de Vida Diária são capacidades conquistadas, individuais e contextualizadas, com características facilmente identificáveis e que podem ser mediadas. O uso dos instrumentos, porém, não constitui uma tarefa simples e pura. Conforme atestam estudos, como o de Borba et al. (2016), a habilidade de uso dos instrumentos é influenciada por aspectos socioculturais, emocionais e neuropsicológicos. Para tanto, é fundamental considerar os componentes que denotam autonomia.

Considerando tais fatores, a autonomia é um fator decisivo para a transformação da realidade do sujeito enquanto ser social. O processo de amadurecimento implica diversas aquisições e transformações físicas e cognitivas. Uma das consequências desse processo é a evolução da capacidade funcional. O



nível de capacidade funcional é definido pela dificuldade do sujeito de executar tarefas básicas ou com maior complexidade em seu dia a dia, essenciais para uma vida independente (ALVES; LEITE; MACHADO, 2008). Na averiguação sobre as principais definições e formas de mensuração da incapacidade funcional, são analisadas as atividades de vida diária (AVDs) e também as atividades instrumentais de vida diária (AIVDs).

Quando se fala em letramento, ainda se percebe um desconhecimento no que tange à adoção desse conceito relacionado ao cotidiano da pessoa com SD. Nesse sentido, propõem-se uma correspondência entre letramento e uso dos instrumentos, na medida em que pesquisas, como a de Faría-Antúnez et al. (2018), apontam a baixa escolaridade como uma das justificativas para a inabilidade com os instrumentos de vida diária.

Parece, desse modo, que pensar sobre a questão dos instrumentos de vida diária no contexto social da pessoa com SD requer, antes de mais nada, compreender o que são os instrumentos e os fenômenos que estão vinculados a esse constructo, como, por exemplo, o do letramento, entendido como um fenômeno social e motivado, em alguns casos, pela mediação. Afinal, o que o mediador media e como ele media são consequências da compreensão que ele tem dos fenômenos sociais e do entorno que o envolve e no qual se incluem as pessoas com Deficiência Intelectual. Diferentes concepções de instrumentos e de letramento resultam em diferentes práticas. Por um lado, no letramento, há um acordo no sentido de que o sujeito domine o maior número de ferramentas de seu cotidiano, a fim de que interaja de modo autônomo em várias esferas sociais. No que se refere ao letramento e à pessoa com SD, a intenção é que ela se aproprie do maior número de instrumentos que lhe sejam úteis para interagir com o mundo ou para fazer uso de determinadas práticas que lhe conferem certo grau de autonomia.

É importante salientar que a efetivação dessas práticas no contexto social vai depender das possibilidades de cada sujeito e do tipo de mediação que cada pessoa recebe. Para uma pessoa, por exemplo, com desenvolvimento típico, o interesse pela leitura e escrita pode estar orientado por propósitos bem específicos: escrever



para outra pessoa, solicitar algo por escrito, solicitar seus direitos, fazer reclamações, ler uma conta a pagar, ler a Bíblia entre outros. Já para uma pessoa com deficiência intelectual, o ponto principal podem ser as práticas que abrem possibilidades de interação social, incluindo tarefas básicas como fazer compras, pegar um transporte ou até mesmo fazer uma ligação. Para pessoas com limitações cognitivas, as práticas de letramento que favorecem o entendimento de mundo mostram-se muito significativas e úteis, à medida que possibilitam a participação em acontecimentos sociais, funcionando como um recurso que eleva a autoestima, dadas as limitações cognitivas. Programas de letramento, nesse sentido, assumem um caráter transformador. Entendendo-se que os instrumentos são os elementos estruturados da vida social, no letramento, a prática social pode servir como componente orientador para o uso dos instrumentos.

Tendo como ponto de partida a prática social, a mediação visa auxiliar no entendimento da realidade e em demandas comunicativas de determinados grupos a partir de ações coletivas. O ensinar e o aprender por meio da mediação de eventos de letramento se efetivam por meio do trabalho com os Instrumentos de Vida Diária, entendidos como situações da ação humana no mundo – em termos didáticos, os signos cotidianos, configuram-se no eixo organizador das demandas sociais relacionadas à leitura e escrita.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Letramento e AIVDs são considerados conceitos distintos. Diante disso, este artigo teve como foco principal apresentar elementos que demonstrem relação entre o nível de letramento e as capacidades instrumentais de vida diária, principalmente no que se refere à pessoa com SD apesar de as AIVDs serem, na maioria dos estudos, associadas apenas ao estudo do idoso. Possíveis relações podem e devem ser ampliadas para a população em geral, principalmente para aqueles com alguma



limitação cognitiva. Infere-se que programas de intervenção que associem essas duas habilidades possam auxiliar no desenvolvimento desse público, contribuindo para a diminuição da dependência social, independentemente da faixa etária e do nível cognitivo dos sujeitos.

Conclui-se que conceber o uso das AIVDs de pessoas com SD no meio social a partir do nível de letramento é entender o advento da inclusão e diversidade social contemporânea. Essa compreensão centra-se na reflexão sobre a relação que se observa entre os eventos de letramento e a execução de tarefas diárias, principalmente, no nível prático, que aponta para a necessidade de ampliar esse conceito para outros contextos. Nesse sentido, defende-se que trabalhar com as AIVDs no contexto do letramento exige compreender essa ideia conforme as variadas tendências teóricas, sua relação com a concepção de letramento e sua articulação com a SD. Além disso, o que permite a mediação ser compreendida nesse contexto são os eventos de letramento, ou talvez, melhor, os mecanismos que constroem essa prática. Nessa perspectiva, sugerem-se os eventos de letramento como prática que contextualiza a leitura e a escrita, possibilitando abordar as AIVDs não como *fim*, mas como *meio*. Isso corresponde, em outros termos, a ensinar com os instrumentos e não sobre os instrumentos, o que significa considerá-los como elemento organizador da ação de letrar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luciana Correia; LEITE, Iúri da Costa; MACHADO, Carla Jorge. Conceituando e mensurando a incapacidade funcional da população idosa: uma revisão de literatura. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1199-1207, jul./ago. 2008.

BORBA, Miguel Germán. et al. Relación entre deterioro cognoscivo y actividades instrumentales de la vida diaria: Estudio SABE- Bogotá, Colombia. **Acta Neurológica Colombia**.p. 27-34, 2016.

COSTA, E.C.; NAKATANI, A.Y.K; BACHION, M.M. Capacidade de idosos da comunidade para desenvolver atividades de vida diária e atividades instrumentais de vida diária. **Actua Paul**. p.43-48. Enfem, 2006.



COSTA, E.F.A; et. al. Semiologia do idoso. In: Porto CC. Semiologia médica. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. p. 165-197. 2011.

FARÍAS-ANTÚNEZ, Simone F. e cols. Incapacidade Funcional para atividades básicas e instrumentais da vida diária: um estudo de base populacional com adultos idosos de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2014. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 1-14, 2018.

FIEDLER, M.M.; PERES, K.G. capacidade funcional e fatores associados em idosos no sul do Brasil: um estudo base populacional. **Cad. Saúde Pública**, 2008.

FILHO, A. M. C.; MAMBRINI, J.V.M.; MALTA, D.C.; LIMA-COSTA, M.F.; PEIXOTO, S. V. Contribuição de enfermidades crônicas a la prevalencia de incapacidad em actividades básicas e instrumentales de la vida diaria entre ancianos brasileños: Encuesta Nacional de Salud. **Cad. Saúde Pública**. Fev, 2018.

GIL, A.C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

IMAGINÁRIO, C; MACHADO, P.; ROCHA, M.; ANTUNES, C.; MARTINS, T.. Atividades de vida diária como preditores do estado cognitivo em idosos institucionalizados. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde mental**. 43-37. Doi: 1019131/rpesm.0190, 2017.

KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das letras, 1995.

LAWTON, M.Powell; BRODY, Elaine M. Assessment of older peoples: self-maintaining, and instrumental activities of daily living. **The gerontologist**, Londres, v.9, p.86-179.1969.

MACIEL, Alvaro Campos.; GUERRA, Ricardo Oliveira. Influência dos fatores biopsicossociais sobre a capacidade funcional de idosos residentes no nordeste do Brasil. **Revista Bras Epidemiol**.10(2): 89-178.2007.



ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez. 1988.

SCHWARTZMAN, J. S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Ed. Memnon.1999.

SILVEIRA, Jenifer Rodrigues. **Capacidade Funcional, Atividade de Vida Diária, Atividade Física, Estilo de vida e deteriorização cognitiva de pessoas com Síndrome de Down maiores de 20 anos**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Uiversidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

SOARES, Magda Becker. **O que é letramento e alfabetização**. In: Letramento, um tema em três gêneros. Belo Horizonte, Editora Autêntica. 1998.

SOARES, Magda Becker. **Português: uma proposta para o letramento**. São Paulo: Autêntica.2003.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1ed., 2 reimpressão. São Paulo: Contexto. 384p. 2018.

STRAY-GUNDERSEN, K. **Crianças com Síndrome de Down: guia para pais e educadores**. (2a ed.). Porto Alegre: Artmed. 2007.

STREET, Brian Vincent. **Literacy and development: ethnographic perspectives on schooling and adult education**. In: _____. Literacy and Development: Ethnographic perspectives. London/New York: Routledg. 2001.

STREET, Brian Vincent. Futures of the ethnography of literacy? **Language end Education**, v. 18, n. 4, p. 326-330.2004.

SZWED, John F. The Ethnography of literacy. In: CUSHMAN, E. *et al.* (Eds). **Literacy: a critical soucebook**. Boston: Bedford. p. 421-429.2011.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ZIMMERMANN, I.M.; LEAL, M.C.C., ZIMMERMANN, R.D.; MARQUES, A.P.O., & GOMES, E.C. Fatores associados ao comprometimento cognitivo em idosos



institucionalizados: revisão integrativa. **Revista de enfermagem UFPE on line**, p. 1320-1328. 2015.

WAGNER, Daniel; VENEZEZKI; STREET, Brian Vincent. **Literacy: an Interneccional handbook**. Oxford: Westview press. 1999